

AMERICANOS REBATEM AS CRÍTICAS A ARMÍNIO FRAGA

Washington — A descrição do presidente nomeado do Banco Central, Armínio Fraga, como “discípulo de George Soros” feita pelo jornal *The New York Times*, e apresentações semelhantes repetidas por outros órgãos da grande imprensa internacional, deixaram duas pessoas nos Estados Unidos perplexas e um tanto indignadas. Uma delas é Robert A. Johnson, 42 anos, executivo que começou sua carreira no Federal Reserve, o banco central norte-americano, e foi assessor nas comissões de Orçamento e de Finanças do Senado.

A outra é William Greider, jornalista e escritor americano que denunciou o papel da especulação financeira num livro sobre os riscos da globalização, publicado no Brasil no ano passado pela Geração Editorial, sob o título *O Mundo na Corda Bamba — Como Entender o Crash Global*.

Crítico do Fundo Monetário Internacional (FMI), Greider teve reação oposta aos que consideraram que ao nomear Fraga para o BC, o presidente Fernando Henrique Cardoso “colocou a raposa para tomar conta do galinheiro”. Ele conversou com Fraga quando estava preparando o livro e, ao saber da troca de comando no BC, afirmou que “o Brasil terá agora no Banco Central um homem que conhece como as coisas acontecem no mundo real do mercado financeiro e estará em melhores condições para se proteger contra os especuladores”.

Johnson acredita que os comentários negativos feitos sobre a nomeação de Fraga refletem duas coisas que não são nada inocentes. “O presidente Cardoso está politicamente mais fraco (por causa da crise) e, nessas circunstâncias, qualquer mudança desse tipo, independente da qualidade do escolhido, é tema de controvérsia.”

O segundo ponto levantando por Johnson refere-se a interesses econômicos. “Muita gente nos Estados Unidos tem interesse em ver a crise no Brasil se aprofundar, para poder comprar ativos ainda mais baratos”, afirmou.

Johnson, que levou Fraga para trabalhar com o megainvestidor e megaespeculador em Nova York, em 1993, assegurou que Armínio Fraga não é um homem de Soros. “Eu não apenas acho como sei que ele não é”, disse. Amigo do futuro presidente do BC desde a época em que ambos estudaram na Universidade de Princeton, Johnson deixou o Fundo Soros de Investimentos em 1995.

Baseado na sua experiência no governo dos EUA, ele não afasta a possibilidade de, conscientemente ou não, pessoas no Brasil estarem participando de um jogo que não compreendem bem “e fazendo oposição a Fraga para benefício de interesses empresariais estrangeiros que não se importariam em ver o país afundar para comprar barato”.

Johnson chama atenção para a frieza da reação do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Robert Rubin, que evitou comentar diretamente a nomeação de Fraga. “Está claro, pela cobertura da imprensa, que algumas das pessoas mais bem conectadas nos EUA foram surpreendidas pela decisão de Cardoso, pois ela não era bem a que se esperava”, disse ele. “Rubin poderia ter dito que a escolha é um grande avanço, que Cardoso escolheu um sujeito brilhante e um operador hábil, mas disse apenas que não era um retrocesso. Ele sabe que vai ser mais difícil dizer o que fazer ao Brasil”.